

Autor best-seller
da lista do
New York Times

VICIADOS MEDIOCRIDADE

CRISTIANISMO CONTEMPORÂNEO E AS ARTES

FRANK SCHAEFFER

VICIADOS EM MEDIOCRIDADE

- Frank Schaeffer -

Traduzido por Jorge Camargo

Ilustrações de Kurt Mitchell



Viciados em Mediocridade
Publicado em português com a devida autorização
e os direitos reservados pela W4 Editora
Copyright © 2008 por W4 Editora
Título Original: Addicted to Mediocrity - Copyright © 1981 by Frank Schaeffer

Editor

Whaner Endo

Tradução

Jorge Camargo

Copidesque

Sérgio Pavarini

Revisão

Ana Claudia Braun Endo

Ilustrações

Kurt Mitchell

Capa (baseada no design da edição original, criado por Ray Cioni)

Souto Design

ISBN-13

958-85-87086-27-3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Jalmar Bowden, SP, Brasil)

Schaeffer, Frank

Viciados em mediocridade / Frank Schaeffer; Trad. de
Jorge Camargo. São Paulo : Editora: W4 Editora, 2008.
144 p.

Bibliografia

ISBN -978-85-87086-27-3.

1. Espiritualidade 2. Criatividade - Religião 3. Igreja e
secularismo I. Título

CDD 261.85

Índice para catálogo sistemático:

Espiritualidade 231.85; Criatividade - Religião 261.1;
Igreja e secularismo 261

W4 Editora

R. Barão do Triunfo, 1659 - Brooklin Paulista - 04602-006 - São Paulo/SP - Brasil
Fone/fax: (11) 5041-6079 e 3711-3750
<http://www.w4editora.com.br> - Email: editora@w4editora.com.br

Editora filiada à Associação de Editores Cristãos

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

08 09 10 11 12 13 14

Para Genie, minha esposa,
a quem eu amo e de quem eu gosto.

Sua vida é uma obra de arte em si;
sua amizade, paz em um mundo atribulado.

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS	9
AGRADECIMENTOS	15
INTRODUÇÃO	17

PARTE 1

<i>CAPÍTULO 1</i> - CRIATIVIDADE E BELEZA	21
<i>CAPÍTULO 2</i> - FRUTO AMARGO	29
<i>CAPÍTULO 3</i> - "ESPIRITUALIDADE" E "SECULARISMO"	33
<i>CAPÍTULO 4</i> - ERA BOM (E AINDA É)	41
<i>CAPÍTULO 5</i> - O QUE PODEMOS FAZER?	47
<i>CAPÍTULO 6</i> - A VERDADEIRA ESPIRITUALIDADE	61
<i>CAPÍTULO 7</i> - LIVRE PARA SER HUMANO	69
<i>CAPÍTULO 8</i> - A VIDA CRISTÃ VERDADEIRA	75

PARTE 2

PERGUNTAS E RESPOSTAS	81
NOTAS	137

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Outras palavras

"O que dá ao homem um mínimo de unidade interior é a soma de suas obsessões."

Nelson Rodrigues, jornalista e dramaturgo

Nos últimos anos, participei da escolha do título de mais de 700 livros. Ainda que se tratando de obras traduzidas na maioria dos casos, a dificuldade no "batismo" não foi menor. Que equação complicada escolher algumas palavras que traduzam a proposta do autor e, ao mesmo tempo, instiguem os potenciais leitores!

Viciados em mediocridade preenche ambos os quesitos de forma notável. Antes mesmo de iniciar a leitura do texto, o título provocante já suscita questionamentos e (in)conseqüentes reflexões. Difícil permanecer impassível ante um diagnóstico tão contundente...

Embora escrito na década de 80, a mensagem do livro permanece atual e é especialmente bem-vinda ao Brasil. Enquanto desperdiçamos pelo menos duas décadas esgrimindo para usar bateria nos templos, a fila andou no mundo. E bastante.

Claro que sempre existiram vozes dissonantes por aqui. Algumas se levantaram para insurgir contra hinos americanos enlatados. Não sei se o queixume adiantou, mas há quem esteja supersatisfeito com as novidades no cardápio, do tipo canções em versão light... made in Austrália. Como cantava o Cazusa, "um museu de grandes novidades". Não apenas o futuro repete o passado... somos todos repetentes no supletivo da inovação.

"De nada serve partir das coisas boas de sempre
mas, sim, das novas e ruins."

Bertolt Brecht, dramaturgo e poeta

Em meio à penúria reinante, algum espertinho criou uma solução que continua sendo avidamente deglutida pelo rebanho. O conteúdo é sofrível e sem qualidade? Basta pospor um adjetivo. Assim, temos a "adoração extravagante" e a "dança profética", entre inúmeros ardis de eficácia nula fora do quadrado evangélico. Um círculo apenas, se pensarmos na retroalimentação que move nossa irrelevância.

Basta alguém iniciar uma discussão sobre a indigência artística cristã para descobriremos que a mediocridade se estende também à capacidade de reflexão do rebanho. O tema em questão rapidamente é esquecido e recorre-se a uma infinidade de chavões do tipo "não tocar no ungido", "até a mula de Balaão foi usada", "Deus olha o coração", "em vez de criticar devemos orar", "quantas almas você ganhou?", entre outros clichês menos cotados.

Adeptos desse tipo de reducionismo ficarão perplexos e possessos (sem trocadilho) com os termos usados por Schaeffer nestas páginas. O cara massacra impiedosamente a produção cristã... Essencial lembrar que o escritor se refere aos Estados Unidos. O que ele escreveria se desse uma passadinha aqui na terra das unções, levitas, sapatinhos de fogo e quejandos?

Pensando melhor, ele não deve aterrissar aqui porque anda meio ocupado com a faxina nos armários familiares. Em meio à muita poeira, revelações pra lá de indiscretas enxovalharam a imagem do papai Francis Schaeffer. A morte da razão?

"O revolucionário inventa as idéias. Quando as exaure, o conservador adota-as."

Mark Twain, humorista e escritor

Em certos trechos da obra, Frank deixa a Arte de escanteio para sublinhar pensamentos hiperconservadores. A química parece meio estranha, afinal é comum ligar "arteiros" e artistas ao pensamento liberal. Mais uma vez, o Brasil mostra ao mundo o seu caráter singular. Neste país tropical abençoado por Deus tanto os expoentes tidos como "liberais" quanto os "ortodoxos" pouco ou nada entendem do assunto. Mansa gente brasileira!

Sem a guarida dos teólogos, outra opção para estimular o debate seria usar as lentes da mídia. Um rápido exame mostra que as revistas ocupam-se de

veleidades e temas relevantes, como a festa de aniversário dos rebentos de cantoras de nomes tão improváveis quanto desconhecidos... Ao menos as publicações não escorregam no quesito harmonia: são ruins de capa e de conteúdo. Deselegância nada discreta.

Antes de pensar em possíveis epitáfios para a arte cristã verde-amarela, restam duas opções: livros e internet. Se você está com este livro em mãos, só o seu interesse pelo assunto já me faz aplaudir efusiva e pentecostalmente a sua escolha. O triste é lembrar que Schaeffer vai falar somente com alguns milhares de leitores, enquanto mantras e baboseiras em ritmos variados continuarão entorpecendo os ouvidos e a mente da turba.

No entanto, como tenho o gene da rebeldia impregnado nas cadeias do DNA, não acredito em soluções prontas. Da mesma forma que discordo de muitos lances elencados nestas páginas, espero que você siga pela mesma trilha, questionando e refletindo sobre cada ponto abordado. Como o livro apresenta uma espécie de "monólogo" do seu autor, graças a Deus existe a internet para dar voz e vez aos leitores. Vários sites e blogs vão publicar esta diatribe prefacial, possibilitando a (re)ação e interação de todos. Se a palavra "viciados" indica a necessidade de cura, penso que o caminho terapêutico indubitavelmente passa pelo debate.

"Aos melhores falta toda convicção, enquanto os piores são cheios de apaixonada intensidade."

W.B. Yeats, poeta e dramaturgo

Como diria certo molusco, nunca antes neste Reino discutiu-se tanto sobre Arte. Meu reconhecimento e gratidão aos amigos Ana Claudia e Whaner pela contribuição que a W4 Editora e o Portal Cristianismo Criativo têm dado ao rebanho. Se podemos vislumbrar um horizonte menos caótico no cenário artístico cristão, certamente o desvelo e a ousadia de vocês têm parte nisso.

A existência de limitações diversas não nos acovarda. Ao contrário, nos leva à ação diligente. Em nossa extensa lista de pecados e falhas não há de constar aquilo que o Rabino Jonathan Sacks classifica de "culpa do espectador". O que estiver ao alcance de nossas mãos, faremos com o melhor de nossa energia. Nas palavras do profeta João Bosco, "a esperança equilibrista sabe que o show de todo artista tem que continuar". *Yes, the show must go on!*

Sérgio Pavarini, jornalista,
marqueteiro e blogueiro.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer minha esposa Genie e meus três filhos, Francis, Jessica e John, por me proporcionarem um lar e um ambiente que estimulam a criatividade, o amor e a beleza. Sem eles, este livro ou qualquer outra obra criativa que faço não existiriam.

A vida inteira de meu pai dedicada ao estudo e à reflexão forneceu, no transcorrer de minha vida, uma base maravilhosa para a discussão de idéias e a consideração de possibilidades. Sem sua obra como fundamento, provavelmente não teria escrito este livro. Como pintor e cineasta, sou grato pelo modo como meu pai tem me ensinado a "ver". Minha mãe sempre foi (e é) um abrigo de interesse, amor e apoio criativos. Ambos têm meu amor e minha gratidão eternos.

Também quero agradecer Jim Buchfuehrer, meu sócio, amigo e produtor, por sua amizade, apoio e pelas intermináveis conversas estimulantes que temos tido nos últimos anos. Sua amizade e diálogo têm sido de valor inestimável para o desenvolvimento das idéias deste livro.

Muito obrigado ao meu bom amigo Ray Cioni, com quem tenho passado muitas e muitas horas agradáveis de trabalho em vários projetos de filmes e outras iniciativas legais. Sua compreensão do processo criativo e de suas peculiaridades tem me ajudado a formar o conteúdo expresso nestas páginas.

Kurt Michell merece um agradecimento especial pela capa maravilhosamente criativa da edição original e pelas ilustrações deste livro. Sua perspicácia visual complementa o texto de maneira perfeita.

Gostaria de reverenciar a memória do Dr. Hans Rookmaaker, pelo estímulo e encorajamento que me deu durante os anos em que comecei a pintar. Nossos papos e seu apoio às minhas iniciativas artísticas desde a minha infância foram uma constante fonte de auxílio. Ao escrever este livro tenho sentido muitas saudades de tê-lo por perto para ligar e pedir conselhos e orientação, e de sentir o prazer de desfrutar de sua amizade.

Por fim, gostaria de agradecer Susie Skillen, por seu auxílio na edição revisada deste livro.

INTRODUÇÃO

Sempre que cristãos, evangélicos em particular, tentaram "alcançar o mundo" por meio da mídia - TV, filmes, propaganda etc - o público que pensa tem a idéia de que, assim como a sopa de um restaurante ruim, o cérebro dos cristãos ficaria melhor se não fosse mexido¹.

As razões para essa situação lamentável são muitas. Este livro não tenta lidar com todas elas. No entanto, tenho apontado uma área em particular que tem tido enorme influência sobre a habilidade - como cristãos - de dialogar com o mundo ao nosso redor. Ainda mais importante, falo sobre nossa habilidade de verdadeiramente desfrutarmos da presença de Deus e de outras pessoas.

Essa é a área de apreciação, atividade, pensamento e ação que livremente descrevo como "artes".

Quando digo "artes" não me refiro somente às "artes nobres", mas a toda extensão da expressão humana - do modo como decoramos nossas casas até Davi de Michelangelo, da carta escrita da maneira mais simples até os textos de William Shakespeare.

Como cristãos, quase sempre pensamos nos homens como "feitos à imagem e à semelhança de

Deus". Essa fórmula é somente um apanhado de palavras até que receba significado e definição mais profundos. Se há uma área que verdadeiramente distingüe o homem do restante do reino animal e dá sentido a essas palavras "feito à imagem de Deus" é a criatividade, a capacidade de apreciar a beleza e de se comunicar artisticamente por meio de idéias abstratas.

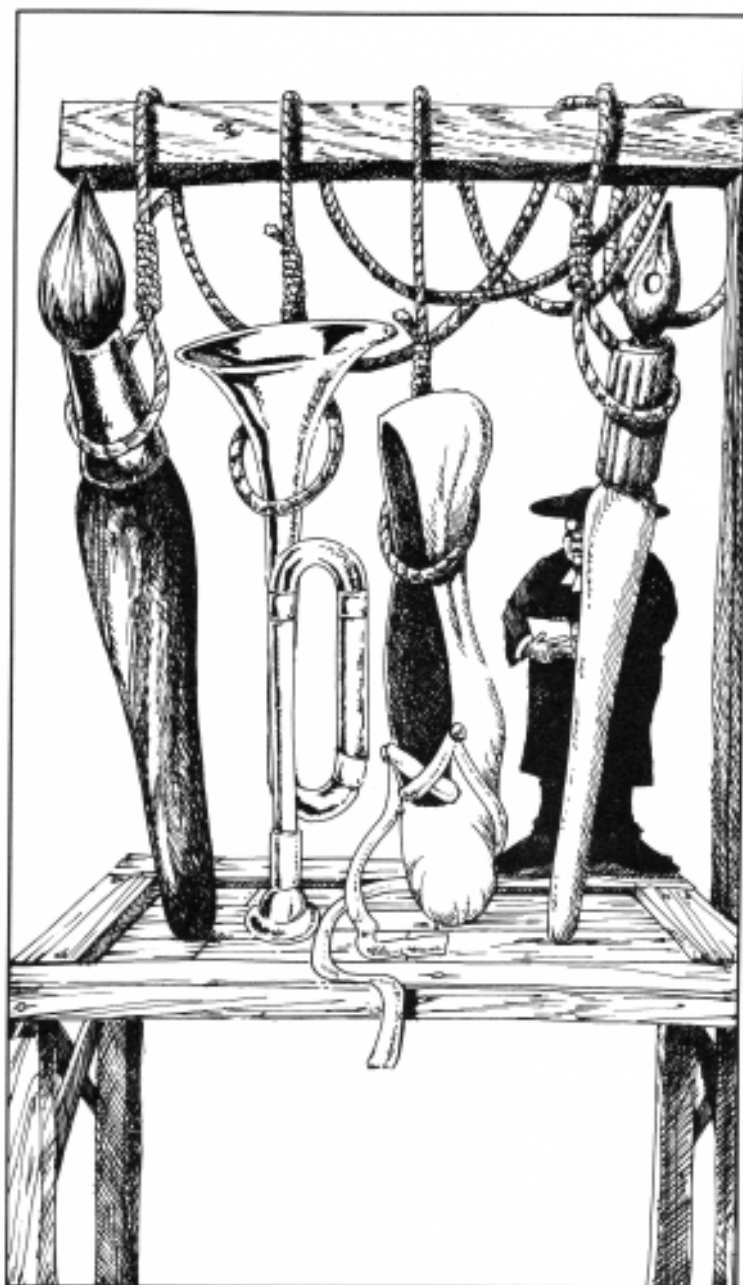
Portanto, criatividade não se trata de um detalhe sem importância para a vida cristã. Ao contrário, é algo essencial. O problema é que grande parte da igreja tem esquecido o quanto essa parte de nossa vida é importante. Ao agir dessa maneira, tem se tornado pobre e limitada na apreciação de si mesma, de seus semelhantes e do próprio Deus. É na esperança de que este problema seja abordado e corrigido que ofereço a você este livro.

Desejo, particularmente, que aqueles que possuem habilidades criativas ou interesse pela criatividade e tenham sido consistentemente ignorados pela igreja encontrem encorajamento nesta obra.

Permita-me chamar sua atenção para a estrutura deste livro. Primeiro, temos os capítulos denominados "parte 1". Segundo, a seção de Perguntas e Respostas, denominada "parte 2". Ambas formam um todo e são igualmente importantes para a argumentação nele proposta.

FRANK SCHAEFFER

parte 1



CRATIVIDADE E BELEZA

Até a volta de Cristo e a restauração de todas as coisas, esse grupo de crentes conhecido no correr da história como a igreja de Cristo nunca alcançará a perfeição.

Toda época tem seus pontos cegos, seus "gargalos" de intolerância, algumas gerações na história da igreja mais do que outras. A eficácia da igreja no mundo é diretamente proporcional à extensão desses seus pontos cegos.

Cada geração na história da igreja tem seus próprios pontos cegos peculiares à era na qual viveram. Isso se deve, normalmente, a algum tipo de adaptação inconsciente ou à infiltração de problemas da sociedade ao redor da igreja dentro dela mesma. Por exemplo, pode-se concluir que certas idéias pró-aborto que determinados grupos da igreja sustentam sejam resultado direto da infiltração sofrida por parte da igreja de uma visão diminuta da vida humana na atualidade, oriunda da sociedade ao seu redor.

Infelizmente, na maioria das vezes a igreja parece torcer e manipular os ensinamentos bíblicos, normalmente fora de contexto, a fim de apoiar visões seculares de seu tempo e que ela já sustenta. Esta

aceitação muitas vezes acontece por questão de conveniência e pelo desejo de encaixar-se sem muito desconforto à cultura que a rodeia. Esta infiltração às vezes ocorre de maneira inconsciente e por um longo período de tempo. A igreja também é enfraquecida por dentro. Ela quase sempre estabelece suas próprias tradições humanas em oposição à verdade bíblica.

Inevitavelmente, o preço pago por essas infiltrações (por dentro e por fora) é o impedimento de a igreja assumir suas responsabilidades.

Ainda que a igreja ofereça um estudo interessante a partir do qual podemos obter muitas lições valiosas, é inútil lamentar o passado se não estivermos dispostos a examinar os pontos cegos de nosso próprio tempo que nos impedem de sermos cristãos efetivos.

As artes, as iniciativas culturais, a apreciação da beleza da criação de Deus e da criatividade humana, esses dons criativos têm sido relegados em nossos dias a um canto qualquer de nossa consciência cristã. São completamente desprezados por muitos e ainda rotulados de não-cristãos e nada espirituais. Essa deficiência tem sido a causa de muitos sentimentos de culpa desnecessários e de muitos frutos amargos, nos fazendo perder contato com o mundo que Deus criou, com a cultura na qual vivemos, e nos tornando inúteis nesse ambiente cultural.

Sustentada pelo ensino bíblico, o melhor da visão da igreja afirma que as artes, a criatividade, a apreciação de nossa própria criatividade, a criatividade das pessoas ao nosso redor - em suma, toda a beleza que Deus colocou em nossa vida - é um dom gracioso e benéfico que vem do nosso Pai Celestial. As artes, a apreciação que fazemos delas, todas essas expressões da criatividade humana e a habilidade de comunicar não precisam de justificativa, seja ela espiritual ou utilitária. Elas são o que são.

Se a partir deste mundo podemos aprender algo acerca do caráter de Deus, certamente é que ele é criativo e multifacetado. O interesse divino em beleza e em detalhes é inquestionável quando se olha para o mundo que criou à nossa volta, e as próprias pessoas em particular, como resultado de sua habilidade.

Poderíamos viver em um mundo plano e sem qualquer interesse, que tivesse um mínimo de ingredientes cinzas para dar suporte à vida, uma vida cuja diversidade fosse suficiente apenas para proporcionar uma existência mínima. Ao contrário, vivemos em uma explosão pródiga em diversidade e beleza. Vivemos em um mundo repleto de beleza "inútil", milhões de espécies, e indivíduos de infinita variedade, infinitos talentos e incontáveis habilidades. E isso somente em nosso planeta. Quando olhamos para o céu e observamos a complexidade de riquezas no espaço, a mente se espanta diante da criatividade de Deus.

Isso tudo sem levar em consideração o mundo invisível ao nosso redor que a Bíblia afirma existir; sua riqueza e interesses criativos ainda estão por serem descobertos. Como se não fosse o bastante, Deus nos deu em forma escrita um livro que abrange toda as emoções humanas, os altos e baixos, a diversidade dos indivíduos, o bom e o ruim, o feio, o belo, os pecadores, os justos, os pervertidos, os salvos, os perdidos, a poesia, os poetas, a sabedoria, os sábios, as histórias humanas, a realidade da vida repleta de significado, um livro que trata acerca da verdade, e não de ditados religiosos pálidos e estreitos.¹

Por que faço questão de enfatizar esse aspecto criativo e diversificado do nosso Deus? Simplesmente porque, como cristãos, tudo aquilo que somos e fazemos se baseia em nosso Pai Celestial. Nosso valor supremo deriva do significado com o qual ele nos revestiu como portadores de sua imagem.

Com essa visão nobre da criatividade e de todas as coisas que a acompanham, não é de se admirar que a igreja, embora tenha alguns pontos cegos, normalmente sempre teve as artes e a criatividade em alta conta. Em vez de rejeitá-las ou quase ignorá-las, ela abraçou as artes e as habilidades criativas do homem (aquilo que ele faz com sua mente e com suas mãos) como parte do dom gracioso de Deus a nós, portadores de sua imagem.

Não é surpresa olhar para a história do ocidente e da cultura cristã e observar sua herança incomparável

no campo das artes. Não é coincidência que essa enorme herança artística e esse envolvimento com a criatividade também coincidiram com aquilo que chamamos de consenso cristão. É possível afirmar que esse consenso cristão deveu sua existência (ao menos em parte) ao fato de que os cristãos e a igreja estavam envolvidos com a arte e a mídia de seus dias. As artes - o veículo da expressão humana - são a raiz de todas as idéias, e as idéias são o fundamento no qual a história está erigida. Iniciativas culturais, as artes e a mídia são de fato a feira das idéias. Cristãos por muitos séculos dominaram a expressão criativa; eles a abraçaram, a apreciaram, a protegeram e se alegraram com ela, tomando-a como manifestação do dom divino aos homens. Não é coincidência o fato de que eles também dominaram a cultura na qual viveram, que houve um consenso cristão.

A lista de cristãos envolvidos com artes e expressão humana através da história é quase interminável e preencheria muitos livros. Bach, van Eyck, Vermeer, Handel, Mendelssohn, Haydn, Shakespeare, os artistas do início da Renascença Italiana, muitas e muitas centenas, talvez milhares de artistas que foram cristãos, que criam na Bíblia e tinham uma fé verdadeira e viva, ou que ao menos inquestionavelmente operavam dentro do consenso cristão, obtendo força e abrigo a partir de sua estrutura.

A crença comum de que a criatividade vinha de Deus era boa e não necessitava de nenhuma justificativa pode ser resumida na citação do grande historiador da arte renascentista Giorgio Vasari. Ele escreveu na segunda edição de seu livro *Lives of the Artists* (Vidas dos Artistas) de 1558:

Por certo o plano existia em absoluta perfeição antes da criação, quando Deus Todo-Poderoso, tendo feito a vasta expansão do universo e adornado os céus com luzes brilhantes, direcionou seu intelecto criativo para o ar puro e a terra sólida. E então, no ato de criar os homens, ele concebeu as primeiras formas de pintura e escultura na graça sublime das coisas criadas. É inegável que os homens, as estátuas e as peças de escultura, bem como os desafios das poses e contornos derivaram-se de um primeiro modelo perfeito. Quanto às primeiras pinturas, quaisquer que tenham sido, as idéias de suavidade e de unidade e a harmonia conflitante estabelecida entre luz e sombra derivaram-se da mesma fonte. Estou certo de que qualquer um que considere a questão cuidadosamente chegará às mesmas conclusões que cheguei: a origem das artes que estamos discutindo foi a própria natureza e a primeira imagem ou modelo foi o belo tecido do mundo. O Mestre que nos ensinou foi aquela luz divina infundida em nós pela graça especial, a qual nos tem tornado não somente superiores à criação animal, como também, alguém poderia dizer, semelhantes ao próprio Deus.²

Não é surpresa o fato de que aqueles que tinham uma crença firme de que Deus havia criado todas as coisas, incluindo os homens a quem ele havia feito conforme a sua imagem, produziram a herança artística cristã ocidental que temos. Eles viram Deus como o Autor da criatividade que havia concedido talentos aos homens para que eles os exercitassem.

Esta é a visão tradicional que produziu grandes triunfos no campo da iniciativa artística e da expressão humana por meio da vida dos cristãos.

Eu repito: a arte, a expressão humana criativa e a apreciação do belo não precisam de nenhuma justificativa. A justificativa suprema é que elas chegam a nós como um dom gracioso e benéfico da parte de Deus.